

A QUARTA MÃO: UM MANUSCRITO DE *CLAVIS PROPHETARUM* DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Margarida Vieira Mendes
e Rita Marquilhas
Universidade de Lisboa

1. O livro 122 ANTT e o original de Vieira

O livro nº 122 do núcleo do Conselho Geral do Santo Ofício, depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo¹, conserva no seu interior uma cópia de *Clavis Prophetarum* ou *De regno Christi in terris consummato*, Padre Antônio Vieira. Quem conhece a história da obra, tal como foi contada por Francisco Rodrigues e Serafim Leite, através de documentos da época (1697 a 1715), de proveniência jesuítica (cartas do Arquivo romano da Companhia, atual ARI), é levado a supor que esse exemplar do Conselho Geral do Santo Ofício será o mais próximo do original, senão o mesmo original, eventualmente emendado, ou cópia imediata dele.² Tais esperanças mostram-se infundadas ao examinarmos esse testemunho manuscrito confrontando-o com as informações codicológicas e textuais sobre o original: primeiramente, as do P. João A. Andreoni, secretário do reitor do colégio da Bahia, na carta de 23 de julho de 1697³, cinco dias após o falecimento de Vieira; em segundo lugar, e mais substanciais, as do qualificador jesuíta, o P. Carlos A. Casnedi, no texto da sua *Sentença, Compêndio ou Resumo*⁴ de 1714-15, feito a pedido do inquisidor geral, cardeal D. Nuno da Cunha Ataíde. O padre Andreoni declara que acaba de encerrar o original de *Clavis* numa arca fechada com duas chaves, tendo uma ficado na mão do reitor e outra na do Provincial do Brasil. Casnedi diz que tem consigo o original de Vieira, proveniente dum arca chegada da Bahia a Lisboa em 1714 – certamente a mesma arca. Quatro olhos de testemunha, separados por 17 anos e pelo mar Atlântico.

Segundo Casnedi, o original ou protótipo, cujo título era *De Regno Christi in terris consummato*, tinha 38 cadernos, faltando um (o segundo caderno do Livro II). Onze cadernos pertenciam ao primeiro Livro do *Clavis*, sete cadernos ao segundo, e os restantes cadernos não diziam respeito a nenhum dos Livros mas a tratados soltos: o *De sanctitate*, o *De pace* e o *De templo* (nove cadernos, ao todo), o *De universali predicatione*, inacabado e mais dois discursos, um sobre a duração do mundo (*Quare inter preallegatos*) e outro sobre a longevidade dos homens no terceiro estado da igreja ou reino de Cristo na Terra (*Utrum hominum*). Havia ainda

um caderno que iniciava mais um Livro (o terceiro, segundo a legítima suposição de Casnedi) com um capítulo I, inacabado, *An liceat futurarum rerum tempora*. Ficamos também a saber que nesse original muitas folhas se encontram em branco, e que só no primeiro Livro existe divisão em capítulos (doze) e parágrafos assinalados.

Da carta-catálogo de Andreoni – *Index manuscriptorum* – não retiramos qualquer dado físico do original. Apuramos, sim, um título e um sumário do conteúdo de *De Regno Christi* que coincide com o relato de Casnedi: três Livros, estando o primeiro e o segundo quase concluídos, o terceiro em marcha. Na margem acrescenta que haveria um 4º Livro mas apenas pensado.⁵

Ora o livro 122 ANTT tem 49 cadernos in-folio (617 fólhos enumerados) e nem o título nem a organização da obra são os mesmos.

A folha de rosto (fl.lr.) inclui o seguinte texto, que não pertence a Vieira:

CLAVIS / PROPHETARUM / Verum eorum sensum aperiens / Ad
rectam Regni Christi in Terris consummati / intelligentiam
assequendam: / A PRE: ANTONIO VIEYRA SOCIETATIS JESU /
Summo studio elaborata, / Sed, morte praeveniente, non absoluta, /
nec ultima manu expolita. / Opus postumum, ac desideratissimum /
A Collegio Bahiensi / Ad adm~dm. Rdm~. Prem~. Nostrum Thyrsum
Gonzalez / Ejusdem Societatis Praepositum Generalem missum. /
ANNO MDCXCIX./

A data de 1699 inscrita neste rosto não corresponde à do manuscrito, produzido decerto entre 1712 e 1715,⁶ mas à de uma cópia anterior a ele. A letra usada no rosto e nos títulos (da mão A), quer na forma redonda (humanística poggiana) quer na forma inclinada (humanística niccolina), coincide com o desenho dos tipos utilizados pelos impressores; o pormenor da letra e a empaginação do texto são credoras da tipografia, criando a ilusão duma portada impressa.⁷ Toda a execução da folha de rosto (incluindo o desenho das letras e ornamentação, ao modo Vespasiano) parece saída de um manual de caligrafia.⁸

O sumário dos três Livros que compõem *Clavis* aparece na primeira página de texto. É copiado do original tanto no catálogo ou *Index* de Andreoni como na *Sentença de Casnedi*, e *ne varietur* nas melhores lições: *De Regno Christi in terris consummato Libri III. / De Regno Christi in terris consummato (ipso favente) acturi, disputationem universam in Libros tres dividemus. Primus aget de Regno ipso: Secundus de ejus in terris consummatione: Tertius de tempore, quo, et quando consummandum est, et quandiù duraturum.*

Vejamos os dados materiais que o livro 122 oferece ao exame codicológico: são os seguintes:

– o vestígio da intervenção de quatro mãos (três de tipo humanístico, a A, a B e a C, das quais só a primeira se pode considerar trabalho de um calígrafo, e uma quarta de tipo *cancelleresco*);

– a utilização de dois tipos de papel (para não falar de um terceiro, na encadernação), sendo um deles exclusivo da quarta mão, a mão D;

– uma estrutura de cadernos basicamente regular, com perturbações coincidentes com a intervenção gráfica dessa quarta mão.

As três primeiras mãos distribuíram o texto por cadernos de papel marcado por uma filigrana constante. O fato logo sugere logo a articulação, senão mesmo a simultaneidade das cópias, uma vez que há fronteiras nítidas entre elas. Quanto à origem da filigrana, ela é certamente romana. Representa o perfil direto de uma pomba com as patas pousadas sobre três montes ou pinhas. Apenas se encontram estas filigranas nos manuscritos do Conselho Geral cujo texto tem relação direta com a Sé Apostólica. Um outro códice deste fundo, o livro 180, contém mesmo uma filigrana absolutamente idêntica à que se observa no papel do livro 122: integramente documentos relacionados com o Vaticano, datados de 1721.⁹ O fato permite localizar o início da cópia do livro 122 já no primeiro quartel do século XVIII, e dados externos corroboraram essa data.¹⁰

A quarta mão é suportada por um papel diferente, com as armas de Gênova sobre círculos, filigrana que se encontra na Península em impressos da segunda metade do século XVIII. A estrutura dos cadernos, os quais são basicamente sênios, esclarece a importância desta última mão. Sete dos cadernos são irregulares, devendo-se essa irregularidade ao gesto refundidor deste último copista. As passagens para a sua mão fazem-se por encasamento de bifólios e pela colagem de fragmentos de papel. Nas três primeiras mãos (A, B e C) existe encasamento na rendição de A por B (17º caderno, fl. 195-210) e contiguidade imediata na substituição de B por C (a terceira mão principia no atual caderno 41º, fl. 513-524). Foram distribuídas a cada uma porções de um modelo, com dimensão diferente, já que o copista A se encarrega de menos de um quarto de texto. A quarta mão, porém, é de uma personagem que se preocupou em preencher omissões de cópia, em deslocar cadernos para alcançar uma nova sequência das partes do texto e em adicionar fólhos na sua letra, copiados dum outro modelo.

Deste modo, há que supor dois níveis de trabalho de cópia; um inicial, feito em Roma, no primeiro quartel do séc. XVIII, por três escribas que receberam três grupos contíguos de cadernos do modelo; e um segundo, feito em Portugal, com a reorganização do trabalho romano e preenchimento das suas lacunas: o da quarta mão.

Podemos confirmar estas suposições, fundadas materialmente, com a observação dos dados textuais. Para o texto copiado pelas três mãos foi possível identificar o ascendente direto. É o ms. 706 da Casanatense de Roma: a mão A copiou os 12 primeiros cadernos, a B copiou os 16 seguintes e a C copiou mais 16 desse códice romano (cerca de 280 fólhos do ms. 706 para a primeira, enquanto as outras se ocuparam de cerca de 400 cada uma). Um confronto sumário dos dois textos mostra o seguinte: primeiramente, sendo texto muito rasurado o da Casanatense, as correções do censor vêm copiadas tal qual na lição destas três mãos do livro 122; em segundo lugar, as partes expurgadas no ms. 706 também não constam nela; por último, vê-se que a seqüência das partes é a mesma, bem como a quantidade de

texto. Já a quarta mão acrescenta texto copiado do original enviado da Bahia em 1714, ou então de uma cópia dele; acrescenta também texto de tipo introdutório e explicativo que é trabalho de editor, certamente do próprio Casnedi, à data o melhor conhecedor da matéria.

A distinção entre as duas fases de cópia, baseada agora no texto que às diferentes mãos coube trasladar, permite logo uma outra conjectura sobre a existência de fases também na distribuição do texto por diferentes Livros. Logo no sumário da primeira página figurava aquele sintagma *Libri tres*. Este fato é importante, já que no primeiro estado textual do livro 122, as três mãos romanas copiam apenas os títulos *Liber I* e *Liber II*, estando soltos os outros discursos ou tratados, tal como acontece no ms. 706 de Roma. O que difere do *Resumo* de Casnedi é a falta do “capítulo I” que Casnedi supõe iniciar o Livro terceiro. Sabemos que este Livro só tinha o primeiro capítulo, aliás inacabado, intitulado *An liceat*. Desapareceu no ascendente (ms. 706) e por conseguinte não aparece na primeira fase da cópia do livro 122 - a das mãos A, B e C. Ao escrever no catálogo de 1697 que os Livros I e II se encontravam quase prontos, enquanto o terceiro apenas em uma fase de elaboração quando o autor morreu (e o quarto tão só meditado), o P. Andreoni estava a ver incluído no segundo Livro tudo o que as três mãos romanas do livro 122 irão colocar a seguir a ele, tal como o modelo da Casanatense. Se essa era a primitiva organização, ela foi alterado pelo refundidor, a quarta mão, pois deslocou os tratados *De universale predicatione*, *De pace*, *De sanctitate*, *De templo* para o Livro III, transformando-os e dividindo-os em capítulos.

A composição do livro 122 passou assim por dois estados textuais: o da cópia a três mãos, feita em Roma sobre o exemplar da Casanatense, e o da refundição pela quarta mão, com cópia de mais texto e alterações várias. Haverá mesmo um terceiro estado, pois esta quarta mão emenda-se a si própria, chegando a produzir duas versões dum trecho (o início do Livro III), certamente alheio a Vieira.

2. A constituição do texto pela quarta mão

É desta quarta mão a responsabilidade na nova sucessão dos capítulos dos Livros II e III, da inauguração do Livro III, das hesitações e emendas na numeração dos capítulos. Vê-se que seguia orientações muito precisas na nova articulação das partes. Podemos identificá-la, como a de um editor do texto, e não apenas a de um quarto copista dele. Com efeito, trata-se da mão do primeiro editor do *Clavis*, o primeiro a intentar a inteligência e fixação do texto. Por isso merece toda a atenção o seu trabalho. E também porque pudemos identificar com a do secretário do P. Casnedi, aquele que vertia em castellano as cartas italianas.¹¹ Deste modo, cresce a relevância de Casnedi: o primeiro *editor* da obra, quer na introdução (a *Sentença* ou *Compêndio*), quer na *constitutio textus*, trabalho que ficou enterrado no Arquivo: o livro 122 da Torre do Tombo. A lição que viria a circular foi outra, não sabemos se do mesmo Casnedi¹² se posterior (do P. André de Barros, p. ex., o qual teve nas mãos e editou muitos autógrafos de Vieira), mas muito provavelmente do jesuíta

italiano. De fato foi Casnedi quem descreveu e qualificou o texto, por mandado do cardeal da Cunha, nome que figura no título das lições Vulgata da obra.¹³

Em que consistiu esse primeiro trabalho crítico de *editing*, aliás inacabado? Consistiu na interpolação de texto, na deslocação, reordenação, renumeração e estabelecimento de capítulos. De fato, o texto da sua mão corresponde àquele que havia sido rasurado no exemplar da Casanatense de Roma (ms. 706), dado imediatamente visível após um cotejo. Se para a cópia das três mãos temos, assim, ascendente imediato, para a da quarta mão há que supor uma lição textual perdida, certamente o original ou filhos seus antígrafos. Corresponde às lições da Vulgata, tidas como as que copiam do original ou “protótipo”, embora com variantes.

2.1. Trabalho realizado

As tarefas levadas a cabo pela quarta mão tornam-se inteligíveis a partir do cotejo com o ms. 706, com a descrição do original, e com a lição Vulgata de *Clavis Prophetarum*.

Quanto ao texto das folhas arrancadas no testemunho modelo,¹⁴ e que foi restabelecido por este primeiro editor, temos: em primeiro lugar, um trecho do cap. 5º do Livro I (*Septimus titulus*); a quarta mão incluiu no caderno copiado em Roma (o 30º, fls. 355-376) os fólhos da sua mão, por encasamento, garantindo com mestria a articulação correta. Em segundo lugar, no Livro III, os capítulos numerados como 4º e 5º (relativos a discursos que faltavam no antecedente da Casanatense, *Utrum Barbari in sylvis* e *Utrum omnibus* do tratado *De universale predicatione*), no 34º caderno (fl. 407-437), tendo o cuidado de encapítular como 6º o que seguia. Em terceiro lugar, no último caderno, o 49º (fl. 612v-617), acrescentou a quarta mão o discurso *Utrum hominum aetates*, que rotulou com capítulo 13º, tornando o caderno irregular. Trata-se de texto autêntico de Vieira, agora restituído, texto que havia estado no testemunho mais antigo – o da Casanatense – e dele fora tirado. A quarta mão tê-lo-á copiado do original na posse de Casnedi.

Do texto interpolado que não se encontrava no ms. 706, anteriormente rasurado, nem no original da arca, segundo a descrição de Casnedi, a quarta mão redige ou copia os dois sumários no início do Livro II e do seu capítulo primeiro, em fragmento colado no fólho 266r; escreve ou transcreve a *Advertentia*, no final do Livro II, e o começo do Livro III (caderno 34º, fl. 473v e 474r, o que torna o caderno irregular). Trata-se de texto certamente da sua responsabilidade. Além disso, prefere excluir o fragmento *Quare inter preallegatos*, presente no original e na Vulgata.

É também da quarta mão o gesto de deslocar para o final do Livro III onze cadernos anteriores (contendo *De templo*, *De pace* e *De sanctitate*), com texto já copiado em Roma pela segunda e terceira mãos, ficando irregular o caderno 38º. Esta organização aparece como exclusiva e característica do testemunho 122 ANTT: reflete a hesitação insistentemente manifestada no *Compêndio* de Casnedi sobre a colocação desses tratados no Livro II ou no Livro III, Daí a redação de dois sumários diferentes no último Livro.

A numeração em capítulos (do 2º ao 10º), a partir do fólio 266v, i. é, a partir do início do livro II, é também tarefa da quarta mão, muitas vezes nas entrelinhas do texto já copiado quando não se encontrava dividido em capítulos; outras vezes, corrigindo números da cópia primitiva (no Livro II, p. ex., o 2º passa para 4º, fl. 286r, o 3º para 5º, fl. 288v). O mesmo acontece no Livro III, mas agora com todos os capítulos. Também é este editor que entrelinha numeração até cinco parágrafos (§.) no 2º capítulo do Livro II; tais parágrafos não estavam nem no ascendente conhecido, ms. 706, nem no desconhecido, ou seja, o original hoje perdido.

É ainda a quarta mão que, quando pretende salientar uma questão, a coloca em destaque como título de um capítulo, fazendo-a seguir da resposta subdividida em parágrafos numerados, igualmente intitulados.¹⁵

2.2. Trabalho não terminado

Se a quarta mão de Casnedi reviu parte do trabalho dos três copistas romanos a partir do cotejo com o original, não chegou a rever o pormenor, em ordem a desfazer por completo a refundição dos censores.¹⁶ Aliás, vê-se que a quarta mão, em Lisboa, não conhece fisicamente o despedaçado modelo de Roma. É por isso que a lição deste testemunho não é fidedigna no que diz respeito às variantes de menor dimensão.

Podemos concluir que o restauro deste primeiro editor não ficou acabado, no nível microscópico do texto, em geral, e sobretudo em muitos passos do tratado da Pregação Universal (*De universale*).

Ficaram também por terminar as operações de reordenamento das partes, pois a decisão de deslocar do Livro II para o final do Livro III os já referidos tratados-capítulos parece desajustada a uma segunda versão do início ou sumário do Livro III (fl. 364r): a mesma mão havia escrito um texto adequado a essa disposição; posteriormente, terá decidido voltar a inseri-los no Livro II, sem que jamais o haja efetivado, limitando-se à operação de elaborar outro sumário para o Livro III e colá-lo por cima do primeiro: no novo texto, refere-se ao conteúdo dos ditos tratados finais como fazendo parte do Livro anterior, o II, onde de fato não vêm inseridos. Essa nova versão do sumário é igual à da Vulgata, que de facto inclui esses tratados como capítulos do Livro II; a lição que ficou por baixo, pelo contrário, permanece única – lição singular – seguramente de Casnedi. Variante igualmente singular é ainda a do sumário do Livro II (fl. 266r), essa sim, adequada à exclusão dos referidos tratados-capítulos. Como se o editor ficasse a meio da tarefa de redistribuição dessas partes.

Finalmente, vê-se que a última página carece de ornamento final fundo de lâmpada, vê-se que falta um Índice das matérias e também o Cólófon.

3. Importância do livro 122 ANTT

Qual a utilidade do conhecimento deste manuscrito de *Clavis Prophetarum*? De imediato, vemos as seguintes vantagens:

1° Conhecer melhor a história da transmissão e as sérias dificuldades de edição, confirmadas aliás pelos filólogos jesuítas que deitaram mãos à obra: nenhum chegou a publicá-la, desde o P. André de Barros, no sç. XVIII, ao P. Pereira Gomes, no séc. XX, e tanto em Portugal como na Província do Brasil (?).

2° Desfazer as esperanças de ser esse o códice original idiógrafo, ou sequer o mais próximo do original: não pode, assim, servir de texto base numa futura edição, embora seja adjuvante imprescindível.

3° Conduzir ao protótipo (a cópia da quarta e não todo), que só pode ser examinado pelo cotejo com lições da Vulgata e com o *Compêndio* de Casnedi. De fato, o segundo estado textual do livro 122 é da responsabilidade daquele que teve diante dos olhos o original; pode dizer-se que esses fragmentos são os únicos verdadeiramente apógrafos.

4° Mostrar os momentos e os traços textuais alheios à autoria de Vieira, nomeadamente aqueles capítulos que ao serem instituídos podem quebrar a lógica das partes do discurso e dos Livros.

5° Atinar as decisões relativas a variantes.

6° Para qualquer edição de *Clavis* ou *Regno Christi*, seja diplomática seja crítica, o livro 122 é peça indispensável de cotejo, pois no que respeita a títulos, divisões e citações é lição mais apurada, que permite evitar eventuais dislates.

7° Pertencendo à quarta mão todo o texto que foi rasurado numa cópia romana, o livro 122 dá a ver imediatamente boa parte daquilo que foi considerado controverso no pensamento do jesuíta.

Mais serviços prestará com certeza o livro 122 do Conselho Geral do Santo Ofício, quando se levar a cabo a edição de *De regno Christi in terris consummato* do Padre Antônio Vieira.

NOTAS

- 1- A conta deste códice, um dos livros manuscritos do Conselho Geral, corresponde a uma numeração feita entre 1821 e 1824, período durante o qual se procedeu ao *Inventario dos papéis pertencentes ao Extincto Concelho geral do Santo Officio*, ordenado por portaria do Tesouro Público Nacional em 1821. Houve uma episódica mudança de cota quando se constituiu na Torre do Tombo a Livraria Especial, em 1836, passando a ser o livro 1357 dos Manuscritos da Livraria. A transferência foi desfeita pouco antes de 1990, com a retoma das cotas de origem (cf. Farinha 1990, pp. 16, 33, n.2 e 34, n..2,41, 49-51).

- 2- Cf. Francisco Rodrigues, “O P. António Vieira - Contradições e aplausos (à luz de documentação inédita)”, *Revista de História*, vol. XI, 1992, pp. 113 e 115, e Serafim Leite, “O P. António Vieira e as ciências sacras no Brasil – a famosa Clavis Prophetarum e os seus satélites”, *Verbum*, t.I, fasc. 3-4, Dez. 1944, pp.259 e 265.
- 3- ARSI, Bras. 4, 36-39, aproveitada por Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, 1898, t. VIII, col. 675, e Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, t. IX, 1949, p. 336, quando estabelece o catálogo dos manuscritos de Vieira.
- 4- Seguimos a lição do cod. BNL 2674, fls. 467-586, por ter o texto integral, ao contrário da maioria dos exemplares dessa *Sentença, Resumo, ou Sumário*, que proliferam nos arquivos, soltos ou apensos a exemplares de *Clavis*, como prólogo ou introdução. A sua primeira impressão nas *Obras Escolhidas* de Vieira, IX, Lisboa, Sá da Costa, 1953, por Hernâni Cidade, com tradução em português, apresenta muitos erros e lacunas textuais.
- 5- Na 2ª via da carta (ARSI, Bras. 4,38) o texto é o seguinte: *Clavis Prophetarum de Regno Christi in Terris consummato Libri tres. Primis agit de ipso Christi Regno, 2º De ejus in Terris consummatione, 3º de Tempore, quo et consummandum est, et quandiu duraturum. Horum 1. et 2. ferè absoluti. 3. perficiendo nunc allaborabat. Acrescenta na estrelinha: 4. um etiam meditabatur.*
- 6- Pode tratar-se do exemplar na posse do marquês de Fontes, embaixador no Vaticano. Numa carta sua de 18 de Junho de 1712, dirigida ao inquisidor cardeal da Cunha, pode ler-se: “(...) já está na minha mão o Clavis Prophetarum, assim o pode Vossa Eminência segurar a El Rey meu Senhor, cujo nome não me foi necessário empenhar para haver este livro, porque o padre Bonuci que o trouxe do Brasil, foi o que mo emprestou, e me prometeu muitos outros papéis do mesmo Padre António Vieira” (ANTT livro 109 Conselho Geral do Stº Ofício, fl. 15r). Casnedi diz ter na sua mão tanto a versão de Roma como o próprio idiógrafo de Vieira, que chegou a Lisboa, provindo da Bahia, em 1714.
- 7- Daqui não poderá concluir-se que esse copista tivesse consciência de estar a produzir um original para tipografia. Sabe-se que, na época, o trabalho de um calígrafo era tanto mais exímio quanto mais se aproximasse do desenho tipográfico.
- 8- Manual do tipo do que Manuel Andrade Figueiredo publicou em Portugal, *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, Lisboa, 1719.
- 9- Briquet, falando de papel mais antigo, admite ser de trinta anos a sobrevivência de uma filigrana, e E. Heawood (*Watermarks Mainly of The 17th and 18th Centuries*, Hilversum, The Paper Publication Society, 1957, d. 31) de pouco mais de sete anos, no máximo.
- 10-Cf. supra, nota 6.

- 11- Opaleógrafo Dr. Antônio Gerra, a quem aqui agradecemos, identificou a caligrafia da quarta mão, pelo confronto com uma carta de Lisboa, de 21 de maio de 1713, pelo secretário de Casnedi (ARSI, Lus. 76, fl. 119).
- 12- O P. Antonio Casnedi viria a morrer em 1725.
- 13- Entendemos por Vulgata o ramo de lições (todas variantes) que seguem o chamado “protótipo”, atribuídas à responsabilidade do cardeal Nuno da Cunha, como se pode ver pelo frontespício da maioria dos testemunhos. Vimos oito integrais e duas parciais. Apenas divergem dela os testemunhos singulares ANTT 122 e Casanatense 706. A mais antiga cópia com data é de 1745 (ANTT 2570-2572 Livraria). Vd. Margarida Vieira Mendes, “Contributo para a edição crítica de Clavis de Vieira”, em publicação num próximo número do *Boletim de Filologia*.
- 14- No ms. 706 da Casanatense, as páginas expurgadas são fisicamente assinaladas, pois a numeração não muda, o riscado a tinta e o papel branco colado por cima são visíveis e até chocantes. Esse manuscrito apresenta dois estados textuais: o primeiro mantém fisicamente visível as ausências e cortes; o segundo estado é o resultado das rasuras, expurgas e substituições. É este último que as três mãos do livro 122 ANTT copiam fielmente.
- 15- Cotejar, p. ex., a fl. 270 com a 247 de uma lição Vulgata – ms. Greg. 597 – e com a p. 429 do ms. Casan. 706.
- 16- Por exemplo, na p. 932 do ms. 706, o censor riscou *pompa miraculorum* e substituiu por *copia miraculorum*, e na fl. 386r do livro 122, a mão C trasladou *copia*, já na Vulgata, ou seja, nos testemunhos que copiam dum modelo feito a partir do dito “protótipo”, reaparece *pompa* (cf. ms. Greg. 597, p. 571). Em muitos passos se repete idêntico fenômeno. Mais grave no livro 122 é o caso de trechos que ficaram por recompor, como os do tratado da Pregação Universal, fls. 452r-458r (cf. rasuras das pp. 1080-1092 do ms. 706). Noutros momentos, pelo contrário, a quarta mão preenche pequenos trechos que haviam sido rasurados (p. ex. fl. 520v, onde o trecho acrescentado na margem, pela quarta mão, não é igual ao riscado mas sim ao da Vulgata). São, todavia, casos mais raros.
